

TABUS LINGUÍSTICOS COMO MOTIVAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS DO PB¹

LINGUISTIC TABOOS AS MOTIVATION IN THE FORMATION OF WORDS FROM BRAZILIAN PORTUGUESE

Carlos Antônio Magalhães Guedelha
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFSC

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre palavras da língua portuguesa em cuja formação são percebidos traços do fenômeno conhecido como tabu linguístico. Nesse sentido, discorreremos inicialmente sobre os processos de formação de palavras, traçando um paralelo entre os conceitos cristalizados nas gramáticas normativas e as considerações teóricas de linguistas que se dedicam ao estudo da morfologia. Em seguida, focalizamos a questão dos tabus linguísticos a partir de estudos já realizados por alguns teóricos, cujos livros, somados aos dicionários Ferreira (1989) e Houaiss (2001), forneceram o *corpus* de 250 palavras utilizado como conjunto de dados para análise à luz do escopo teórico levantado. Em nossa análise, partimos da concepção, já esboçada por Saussure, de que os estudos morfológicos não podem prescindir da sintaxe e da semântica, já que forma, função e sentido são solidários e interdependentes.

Palavras-chave: Português brasileiro. Formação de palavras. Tabus linguísticos.

Abstract

The aim of this paper is to reflect on the words of the Portuguese language in which training is perceived traits of the phenomenon known as taboo language. In this sense, we talk first about the processes of word formation, drawing a parallel between the concepts crystallized in normative grammars and theoretical considerations of linguists who are dedicated to the study of morphology. Then, we focus on the question of linguistic taboos from studies already made by some theorists, whose books, dictionaries added to Ferreira (1989) and Houaiss (2001), provided the corpus of 250 words used as a set of data for analysis in the light raised the theoretical scope. In our analysis, we start from the concept, as outlined by Saussure, that can not prescindir morphological studies of the syntax and semantics, as form, function and meaning are united and interdependent.

Keywords: Brazilian Portuguese. Word formation. Linguistic taboos.

1 INTRODUÇÃO

Quando estudamos os processos de formação de palavras do português brasileiro (doravante PB), assim como os mecanismos flexionais e classificatórios das palavras em geral, uma das conclusões evidentes a que chegamos é que os estudos morfológicos não vão muito longe quando tentam seguir seu curso prescindindo da sintaxe, da semântica e

¹ Este trabalho foi desenvolvido com o apoio do Governo do Estado do Amazonas por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), com a concessão de bolsa de estudo.

até mesmo da fonologia. Para utilizar uma metáfora (as metáforas sempre são altamente elucidativas), poderíamos dizer que fonologia, morfologia e sintaxe dançam de mãos dadas, tendo a semântica como organizadora do espetáculo.

Quem pretende fazer uma descrição morfológica adequada e coerente, não pode abrir mão do trânsito livre em direção à sintaxe e à semântica. Saussure (1975) já dizia isso quando sugeria que forma, função e sentido são entidades solidárias entre si. Monteiro (2002) e Basílio (2007) chancelam essa ideia ao considerarem que *forma* (morfologia), *função* (sintaxe) e *sentido* (semântica) são interdependentes. Por esta razão, embora a morfologia tenha como especialização a forma, o estudo e a descrição dos vocábulos, assim como a classificação dos mesmos, esses estudos correm sempre o risco de deixar lacunas abertas caso não levem em consideração os matizes semânticos e sintáticos que os vocábulos comportam. E acrescentamos também aqui os aspectos fonológicos relevantes.

Foi essa concepção que norteou a elaboração do presente artigo, que tem como objetivo fundamental refletir sobre palavras do PB cujas formações teriam sido motivadas por um fenômeno extremamente viçoso entre os falantes de qualquer língua, conhecido como tabu linguístico, exercitando um olhar multifacetado sobre a formação de palavras, dentro dos limites desta proposta. Para alcançar o objetivo proposto, discorreremos sobre os processos de formação de palavras, tomando por base os conceitos das gramáticas tradicionais (doravante GTs) de Cegalla (1998), Cunha e Cintra (2001), André (2003) e Bechara (2003), confrontados com as considerações teóricas dos morfologistas Alves (1990), Monteiro (2002) e Basílio (2004; 2007). Em seguida, tratamos da questão dos tabus linguísticos a partir de estudos já realizados por Guérios (1979), Silveira Bueno (1965), Preti (1984), Monteiro (1986) e Pinker (2008). Recorreremos também aos dicionários de Ferreira (1989) e Houaiss (2001). Por fim, analisamos, à luz do escopo teórico levantado, os processos de formação de palavras do PB que, em maior ou menor grau, denunciam o fenômeno da tabuização no seu uso, aspecto ainda não explorado conjuntamente por estudiosos de formação de palavras e por semanticistas ou lexicólogos.

2 OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

2.1 A necessidade de formar palavras

Ao introduzir seus apontamentos a respeito dos processos de formação de palavras, Basílio (2007, p.9) lança uma pergunta ao mesmo tempo intrigante e instigante: “Por que formamos palavras?” A pergunta é intrigante porque nos arranca da nossa situação de “nunca parei para pensar no assunto” e nos obriga a refletir sobre a questão. Geralmente o falante utiliza as palavras de forma meio automática, com o pensamento voltado para o plano do conteúdo, e quase nunca se detém no plano da expressão, a não ser em situações bem específicas; a pergunta é instigante porque abre possibilidades de reflexão e busca de sentido para muitas formações de palavras que efetuamos no dia-a-dia.

Nas repostas que propõe à pergunta, Basílio (2007, p. 9) sugere que formamos palavras para:

- a) usar o significado de palavra em uma outra classe gramatical;
- b) alterar semanticamente uma significação lexical básica;
- c) atingir o máximo de eficiência no uso da língua, aliando o máximo de flexibilidade em termos de expressão a um mínimo de elementos armazenados na memória.

Após apresentar esses três motivos para a formação de palavras, Basílio (2007, p. 9) assegura que os dois primeiros são secundários, enquanto o terceiro (que na verdade inclui os dois anteriores) é a razão fundamental por que formamos novas palavras. Dito de outra forma, os processos de formação de palavras apontam para uma necessidade básica de economia da memória. O falante utiliza mecanismos disponíveis no próprio sistema da língua para, a partir de palavras já existentes, criar novas palavras, sem precisar inventar do nada uma nova palavra para cada significado ou acréscimo semântico. Dessa forma, evita-se a fabricação de vocábulos *ad infinitum*.

Não é preocupação deste artigo apresentar um estudo exaustivo das diferentes abordagens a respeito da formação de palavras, assunto comumente envolto em algumas controvérsias. Temos como foco a listagem dos chamados processos de formação de palavras, como se apresentam em GT e em textos de morfologistas, para, em seguida, exemplificar esses diversos processos com palavras que teriam a tabuização como possível motivação.

Os mecanismos mais gerais, mais básicos de formação de palavras no PB são a derivação e a composição (MONTEIRO, 2002; BASÍLIO, 2007). A eles se somam outros recursos bastante produtivos na língua em uso, que também são abordados neste estudo. Optamos por incluir no mesmo quadro desses processos ocorrências fonológicas (mudança fonética) e semânticas (metaforização e hiperonímia) que, sem dúvida, acarretam a criação de novas palavras.

2.2 A derivação

A derivação, como afirma Basílio (2004, p. 30), caracteriza-se pela “adição de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra. Assim, uma palavra derivada se constitui de uma base e um afixo”. Dizendo de outra forma, o recurso da derivação possibilita que sejam formadas novas palavras (derivadas), a partir de uma palavra já existente na língua (primitiva) ou de uma base presa, pelo acréscimo de um prefixo ou de um sufixo. Em geral, substantivos, adjetivos, verbos e advérbios se prestam como base para a formação de outras palavras.

A maioria das GTs costuma subdividir a derivação em seis tipos, a saber: derivação prefixal (ou prefixação), derivação sufixal (ou sufixação), derivação prefixal e sufixal (ou prefixação e sufixação), derivação parassintética (ou parassíntese), derivação regressiva e derivação imprópria. (CEGALLA, 1998; CUNHA e CINTRA, 2001; ANDRÉ, 2003)

Em relação aos tipos de derivação listados acima, percebe-se uma relativa tendência entre gramáticos e morfologistas a um consenso no que diz respeito à nomeação dos cinco primeiros tipos. Mas quando se trata da derivação imprópria, não há consenso. A

designação de derivação imprópria é utilizada por Cegalla (1998), Cunha e Cintra (2001) e André (2003); mas há gramáticos e morfologistas que consideram a mudança de classe de palavra como um processo à parte, a que dão o nome de *conversão*. Esta é a proposta de Basílio (2007, p 66), seguindo o caminho apontado por Bechara (2003). Ela admite que podemos ter conversões “de substantivo para adjetivo (os pobres, os doentes, os agudos) e vice-versa (batom rosa, sombra cinza); podemos também ter conversões de verbo para substantivo (o poder, o dever) e de adjetivo para advérbio (andar rápido, falar alto)”. Alves (1990) adota a mesma proposta. Monteiro (2002, p. 147) lembra que, além da mudança da classe de uma palavra, é válido considerar como derivação imprópria (ou conversão) “o simples emprego de substantivos comuns como próprios ou vice-versa”. Assim sendo,

nomes como ‘coelho’, ‘leitão’, ‘carneiro’ e ‘pereira’ passaram a sobrenomes de muitas famílias. Inúmeras marcas de produtos industrializados originariamente são substantivos próprios (conhaque, champanhe, ford) que se converteram em comuns. Até mesmo a passagem de concretos a abstratos ou vice-versa é comumente interpretada como um processo de derivação (MONTEIRO, 2002, p. 147)

Além desses tipos de derivação já cristalizados nos estudos morfológicos, convém destacar um outro tipo de derivação que, em geral, não é levado em conta pelas GTs, talvez pela sua natureza mais fonética que morfológica. Trata-se da formação de uma palavra a partir de outra pela modificação fonética da base, explorando a semelhança fônica (alteração ou mudança fonética). Esse processo é lembrado por Silveira Bueno (1965), Guérios (1979) e Pinker (2008). No passado, essa alteração fonética era conhecida como “corruptela” da palavra primitiva. Como exemplos, podem ser citadas as seguintes palavras: diacho (mudança fonética de diabo), carvalho (de caralho, como no xingamento: “vai pra casa do carvalho!”) e mintchura (de mentira).

2.3 A Composição

Nas GTs, a composição é apresentada em poucas palavras. Cegalla (1998, p. 101) conceitua esse processo como “a associação de duas ou mais palavras, ou dois ou mais radicais, para formar uma palavra nova”; Cunha e Cintra (2001, p. 105) o definem como a formação de “uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais”. Como uma espécie de procedimento padrão, as GT passam do conceito e exemplos para a subdivisão da composição em dois tipos: a *justaposição*, em que os vocábulos que se unem para formar a palavra nova não sofrem alteração fonética, como em “passatempo” e “girassol”; e a *aglutinação*, em que ocorre alteração na estrutura de um dos vocábulos formadores, ou em ambos, pela perda de material fonético, como no caso de “aguardente”, “outrora” e “pernilongo”.

2.4 Outros processos de formação de palavras

Além dos processos basilares de formação de palavras, que são a derivação e a composição, tanto gramáticos quanto morfologistas costumam apontar outros processos que não podem ser ignorados, dada a sua produtividade na língua em uso. Embora nem todas as GTs explorem esses processos na sua íntegra e não haja inteiro consenso entre

os estudiosos do assunto quanto à terminologia adequada para designar cada um deles, inegavelmente eles existem e são acionados pelos falantes (uns mais, outros menos). São os que seguem:

2.4.1 Redução, abreviação ou braquissesmia

Bechara (2003) denomina de *redução* ou *abreviação* o emprego de uma parte da palavra, que passa a valer pelo todo, como no caso do vocábulo “extra” (que vale por extraordinário), “foto” (fotografia) e “moto” (motocicleta). Em todos esses exemplos, há uma “supressão de uma parte da palavra derivante”. Quando isso acontece, “a palavra formada é sinônima da derivante” (BASÍLIO, 2007, p. 42). Monteiro (2002) prefere utilizar o termo “braquissesmia”, ao invés de “redução” ou “abreviação”.

2.4.2 Recomposição

A recomposição é um processo de composição formada por um elemento que anteriormente sofreu braquissesmia e depois se uniu a outra base. Monteiro (2002) cita o caso da palavra “automóvel”, que na dinâmica da língua portuguesa passou pelo processo de braquissesmia, sendo que o primeiro elemento da palavra, “auto”, passou a ser empregado sozinho com o mesmo valor do conjunto. Ou seja: “auto” significa “automóvel”. Acrescentando-se a outra base, teremos “autódromo”, que constitui de fato uma recomposição. O mesmo acontece com palavras como “autorama”, “autoestrada” e “autopeças”. Outro exemplo de recomposição dado por Monteiro (2002) consiste numa série de palavras como “telenovela”, “telespectador”, “telecurso” e “teleaula”, formadas a partir de “tele” (forma braquissêmica que vale por “televisão”). Então, “telenovela” significa “novela de televisão”. Cunha e Cintra (2001) apresentam exemplos semelhantes e lembram que o termo *recomposição* foi utilizado pela primeira vez pelo linguista André Martinet.

2.4.3 Acrossemia, acronímia, amálgama, palavra-valise

Para Alves (1990, p. 56), a acrossemia ou acronímia é um tipo de composição que resulta da lei da economia discursiva. Assim, “o sintagma é reduzido de modo a tornar-se mais simples e mais eficaz no processo de comunicação”. Apresenta-se primordialmente nos seguintes formatos:

- a) Junção das letras iniciais dos elementos componentes do sintagma.
Ex: PCB (que significa Partido Comunista Brasileiro);
- b) União de algumas sílabas do conjunto sintagmático. Ex: Anfavea (que significa Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

Monteiro (2002) vê também acronímia em vocábulos como *portunhol* (formado pela junção de português com espanhol), *democradura* (democracia e ditadura), *mallufioso* (Malluf e mafioso), a que chama também de amálgama. A formação desse tipo, Alves (1990, p. 70) dá o nome de “palavra-valise”:

Por meio do processo denominado palavra-valise, em que também se manifesta um tipo de redução, duas bases são privadas de parte de

seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial. Esse mecanismo tem recebido outras designações: cruzamento vocabular, palavra *portmanteau*, contaminação... Assim, da fusão das bases substantivais *brasileiro* e *paraguaio* resulta o neologismo substantival *brasiguai*.

Bechara (2003, p. 372) prefere o termo “combinação” para designar esse processo, sobre o qual afirma ser um “caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram na formação”, e fornece, entre outros exemplos, as palavras *bavi* (Bahia e Vitória, times baianos de futebol), *sofressor* (sofrer e professor), *aborrecente* (aborrecer e adolescente).

2.4.4 Fonossemia ou onomatopeia

Segundo Cunha e Cintra (2001, p. 116), “as onomatopeias são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos”. Monteiro (2002, p. 195) entende que “toda vez que tentamos reproduzir um som físico qualquer através de fonemas, não conseguimos uma perfeita identidade, mas apenas uma aproximação, uma imitação sonora”. Palavras como “bem-te-vi”, “zunzum”, “tique-taque”, “banguê-banguê” e “chuá” são exemplos de fonossemia, como acontece também com verbos e substantivos referentes a vozes de animais. Ex: *berrar*, *cacarejar*, *coaxar*, *cicio*, *latido*, *berro*. As onomatopeias também são designadas pelo nome de “fonossemia”.

2.4.5 Duplicação ou reduplicação

Lemos em Bechara (2003, p. 371) que a reduplicação, “também chamada duplicação silábica, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa”. É um processo geralmente usado para formar onomatopeias, como é o caso de *tique-taque*, *reco-reco*, *pingue-pongue* etc. Monteiro (2002) acrescenta os seguintes exemplos de duplicação: *lengalenga*, *cri-cri*, *teco-teco*, *vovó*, *papai*, *mamãe*, *nenen*, *titio*, entre outros.

2.4.6 Híbridismo e composto erudito

O híbridismo merece destaque na maioria das GTs (CEGALLA, 1998; CUNHA e CINTRA, 2001; BECHARA, 2003). Bechara (2003) conceitua híbridismo como a junção de elementos de idiomas diferentes para formar uma palavra, como em: *televisão* (grego: *tele* + português: *visão*); *burocracia* (francês: *bureau* + grego: *cracia*); *decímetro* (latim: *deci* + grego: *cracia*); *abreugrafia* (português: *abreu* + grego: *grafia*); *alcoômetro* (árabe: *álcool* + grego: *metro*). Refletindo sobre esse processo, Monteiro (2002) assegura que os vocábulos híbridos são, na verdade, formados ou por derivação ou por composição. Cunha e Cintra (2001) apontam, além do híbridismo, o que chamam de compostos “eruditos”, que são compostos greco-latinos: palavras formadas por dois elementos latinos ou por dois elementos gregos. Exemplos do latim: *fratricida*, *unísson*, *equilátero*; exemplos do grego: *cacografia*, *necrotério*, *xenofobia*.

2.4.7 Metaforização

A metaforização constitui um riquíssimo mecanismo de formação de palavras; formação não no sentido exato da criação de uma nova palavra, mas sim do uso de uma palavra já existente em um novo enquadramento semântico. Sardinha (2007, p. 14) lembra que as metáforas estão em toda parte, permeiam todas as relações e experiências humanas, porque a linguagem é essencialmente metafórica. São um meio econômico de expressar uma grande quantidade de informação, e, “ao mesmo tempo, são um modo simples de expressar um rico conteúdo de ideias, que não poderia ser bem expresso sem elas”. E qual seria o conceito de metáfora? Sardinha (2007, p. 22) explica que se trata da “transferência de sentido de uma coisa para outra”, tendo por base uma relação de similaridade. Em diálogo com Lakoff e Johnson (2002), ele procura mostrar que a metáfora é uma comparação entre dois domínios diferentes, considerando “domínio” como uma área de experiência ou conhecimento humano. Dessa forma, a palavra de um domínio-fonte passa a sinalizar na direção de um domínio-alvo, projetando o quadro em que uma realidade é utilizada para representar outra. A metáfora tem sempre, no seu nascedouro, o sabor da novidade. É o “novo” que se instaura na linguagem, mas com o passar do tempo o uso repetido do termo metafórico vai se cristalizando e se estabelecendo na língua como uma nova palavra. São casos de metaforização, por exemplo, as palavras “ferramenta” (quando usada para significar o órgão genital masculino), “obrar” (significando defecar) e “poupança” (com o sentido de nádegas).

2.4.8 Hiperonímia

O hiperônimo, conforme Pinker (2008), diz respeito ao uso de um termo genérico valendo por um termo mais específico. Trata-se de um fenômeno linguístico que se liga diretamente à ideia da teoria de conjuntos, sendo que o conjunto maior recebe o nome de hiperônimo, dentro do qual se insere um conjunto menor, que é o hipônimo. Ocorre, por exemplo, quando utilizamos o termo “membro” em lugar da palavra “pênis”: membro é um termo mais amplo, pois se refere a um conjunto maior, do qual fazem parte o pênis e outros tipos de membros. Nesse caso, ocorre hiperonímia, uma vez que o conjunto maior é utilizado para substituir o conjunto menor. É o que acontece também quando se utiliza o termo “necessidades” em substituição a defecação, que é apenas uma das muitas necessidades do corpo.

3 A QUESTÃO DOS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

Quando tratamos das formas produtivas de enriquecimento da língua, pela ampliação do seu vocabulário, necessariamente temos que transitar dos processos de formação de palavras para o fenômeno dos empréstimos linguísticos. As GTs, de uma forma geral, abominam esse fenômeno, a que chamam pejorativamente de “estrangeirismo”, e o listam como um dos muitos “vícios de linguagem”, que, por isso mesmo, deve ser evitado e combatido. Adotam tal postura em nome de um purismo linguístico injustificável e, às vezes, em nome da propalada “defesa do idioma nacional”.

Acreditam os gramáticos que os empréstimos empobrecem e desfiguram a língua materna. Monteiro (2002, p. 197) é de opinião contrária. Ele entende que os empréstimos de outras línguas que, a cada dia, penetram no português, oriundos das

mais diversas procedências, possibilitam o enriquecimento da língua, opinião que é compartilhada por Alves (1990), que confere ao termo “estrangeirismo” uma valoração positiva, diferentemente do que ocorre nas GTs. Tanto Alves (1990) quanto Monteiro (2002) procuram demonstrar um fato óbvio: em línguas de contato, como é o caso do português, os empréstimos que vão e vêm fazem parte da própria dinâmica dos contatos. Assim é que o português já assimilou um sem-número de palavras oriundas, por exemplo, do francês (como *chofer*, *abajur*, *chance*, *champanhe*, *buquê*, *debutante*, *turnê* etc.); do inglês (como *futebol*, *xampu*, *xerife*, *leasing*, *merchandising*, *marketing*, *ranking* etc.); há ainda palavras advindas do italiano, do árabe, das línguas indígenas, do espanhol, e assim por diante. Todas essas contribuições históricas vêm tornando o idioma mais amplo, mais rico e mais interessante, ao invés de desestruturá-lo. Segundo Alves (1990, p. 73), “o estrangeirismo é facilmente encontrado em vocabulários técnicos – esportes, economia, informática... – como também em outros tipos de linguagens especiais: publicidade e colunismo social”.

4 OS TABUS LINGUÍSTICOS

4.1 O sentido do tabu

A palavra “tabu”, segundo Silveira Bueno (1965, p. 188), veio “da língua falada na Polinésia através do inglês *taboo*, trazida à Europa por James Cook (1728 – 1773) em seu livro de viagens *A Voyage to the Pacific Ocean*”. Abarcando os significados de *sagrado* ou *proibido*, o tabu atinge “grande número de objetos, cerimônias práticas, seres irracionais, estados humanos, tudo, enfim, que possa causar malefício ou dar azar” (Idem).

Nas sociedades primitivas, o tabu era a proibição aos profanos de se relacionarem com pessoas, objetos ou lugares determinados, ou deles se aproximarem em virtude do caráter supostamente sagrado dessas pessoas, objetos ou lugares, e cuja violação acarretava ao culpado ou ao seu grupo o castigo divino. Com o tempo, o tabu passou a dizer respeito também a alguma proibição convencional imposta por tradição ou costumes a certos atos, modos de vestir, assuntos, palavras etc., tidos como impuros e que não pode ser violada, sob pena de reprovação e até perseguição social.

A literatura existente a respeito do tema evidencia que em torno de um tabu há sempre a subjacente ideia de proibição, motivada pelo caráter sagrado ou impuro do elemento tabuizado, com uma correspondente punibilidade à sua violação.

Pinker (2008, p. 32) considera o tabu um fenômeno estranho, sendo um “verdadeiro quebra-cabeça para a ciência da mente explicar por que, quando passamos por algum acontecimento desagradável (...) o tema de nossa conversa muda abruptamente para a sexualidade, a excreção ou a religião”. Para ele, essas três contingências da realidade humana são fontes potenciais dos mais variados tabus.

4.2 O tabu linguístico

Especificamente em relação à tabuização da palavra, isso ocorre toda vez que ela repugna ao sentimento da sociedade. São os tabus linguísticos. Constituem tabus

linguísticos palavras que não podem ser ditas em público em determinadas comunidades ou em determinadas situações. Desde a antiguidade, os homens desenvolveram tabus em relação às palavras, acreditando que elas tinham poder. Silveira Bueno (1965, p. 190) assegura que “a causa primeira da tabuização dos vocábulos foi a crença imemorial de que fosse a *palavra* dotada de força intrínseca, suficiente e capaz de produzir concretamente aquilo que significava”.

E, tendo as palavras estranhos poderes ocultos, não foi à toa que, em torno delas foi surgindo, ao longo do tempo, uma série de crendices e superstições. Um exemplo eloquente do poder atribuído às palavras é o alicerce da tradição judaico-cristã, que defende a ideia de que Deus, ao fazer uso da palavra, provocou a existência não só do mundo, mas do universo inteiro. Para os antigos, conforme atestam Silveira Bueno (1965) e Guérios (1979), o nome fazia parte integral do homem e estava identificado com sua alma. Até hoje os judeus mais ortodoxos evitam pronunciar o nome de Jeová. Um dos mandamentos do decálogo bíblico (os dez mandamentos) ordena que não se tome o nome de Deus em vão, pois pronunciar à toa o nome de uma pessoa equivale a desrespeitá-la desonrá-la. O nome era um equivalente do caráter da pessoa nomeada.

A esse respeito, Pinker (2008, p.32) comenta o que segue:

a tendência das palavras de adquirir poderes incríveis pode ser observada nos tabus e nas palavras mágicas de culturas em todo o mundo. No judaísmo ortodoxo, o nome de Deus, transcrito como YHVH e tradicionalmente pronunciado Javé, não deve ser dito, exceto por grandes autoridades religiosas durante o Yom Kippur, no ‘santo dos santos’, a câmara que abriga a arca da aliança no antigo templo. Nas conversas do dia a dia, os judeus devotos usam uma palavra para se referir à palavra, referindo-se a Deus como Hassem, ‘o nome’.

Os romanos acreditavam que as palavras tinham um lado bom e um lado maléfico. O lado bom (*bona verba*) produzia felicidade, enquanto o lado ruim (*mala verba*) era portador de azares e maus augúrios. Por isso, os pais davam nomes bons (como João, Eugênio, Teófilo) aos seus filhos e evitavam dar-lhes nomes carregados de maldição, verdadeiros nomes-tabus (como Judas, Nero, Jezabel). É o princípio da logosofia, segundo a qual o nome de uma pessoa é a sabedoria (SILVEIRA BUENO, 1965; GUÉRIOS, 1979).

O que faz uma palavra ser tabu em determinados grupos sociais hoje, na concepção desses estudiosos são, em geral:

- a) o medo: temor supersticioso, ligado ao sobrenatural. Ex: Evitar usar a palavra “diabo”, pelo temor de que ele apareça no momento do proferimento;
- b) a vergonha: sentimento de polidez, decência, pudor ou moralidade. Ex: Utilizar “apelidos” para os órgãos genitais, pois dizer-lhes os nomes pode parecer indelicado;
- c) a inconveniência do seu uso. É o caso, por exemplo, do verbo “mentir”, para o qual se buscam desvios expressivos, como “faltar com a verdade”.

4.3 Recursos de eufemia

Para evitar a palavra ou a expressão que a sociedade repele, buscam-se os eufemismos para amenizar, diminuir e velar o significado indesejado. Dessa forma, os eufemismos funcionam como amortecedores, já que proporcionam um “desvio”, uma perífrase, que possibilitam a suavização do choque que a palavra crua provocaria, se utilizada. Mas é comum também, como assinala Silveira Bueno (1965), o uso de disfemismos, que também proporcionam um desvio do tabu, só que de forma diferente dos eufemismos: realçam o impacto negativo das ideias, ao invés de amenizá-lo. Por exemplo, “morrer” é um termo tabu, “dormir no Senhor” é um dos seus eufemismos, enquanto “bater as botas” é um dos seus disfemismos.

Os recursos de eufemia mais acionados pelos falantes para disfarçar os temas tabus, conforme os apresentam Silveira Bueno (1965) e Gúerios (1979), são os seguintes:

- a) *Substituição da palavra*: um dos recursos largamente utilizado, quando um tabu impõe “proibição” a uma palavra, é substituí-la por um eufemismo que, além de preencher o vazio, funciona como uma espécie de amortecedor do que se consideraria o impacto do seu verdadeiro sentido. Ex: substituição de motel por “pousada”; de prostíbulo por “casa de tolerância”; de lepra por “hanseníase”;
- b) *Supressão da palavra*: muitas vezes, usam-se reticências (...) para que a palavra indesejada não apareça. Outras vezes, abrevia-se a palavra (vá à PQP, Estou na M..., Estamos F..., ele é um FDP);
- c) *Alusão indireta*: é o que ocorre quando alguém se refere ao câncer como “aquela doença”, “doença feia”; quando alguém se refere ao diabo como “o inimigo de nossas almas”, “o tihoso”, “o rabudo”, “o anjo mau”, “o pé de pato”; quando alguém se refere à morte como “o sono eterno”, “viagem para a eternidade”;
- d) *Modificação fonética*: a modificação fonética do vocábulo por uma estrutura fônica semelhante muitas vezes tem caráter eufêmico. Ex: diacho, dianho, diango, diabre, diogo (alteração fonética de “diabo”);
- e) *Uso de expressões estrangeiras*: no passado, era comum se usar o termo “petardo” (do francês: *pétard*) para substituir o inconveniente “peido”. Termos como banheiro, mictório, latrina são substituídos por *water closet* (ou simplesmente w.c.);
- f) *Uso da linguagem infantil*: a linguagem infantil socorre a muita gente grande quando necessita de um termo eufêmico, tal como: xixi, pipi, perereca, pinto, cocô etc.

Os eufemismos (em forma de vocábulos ou perífrases), assim como os tabus, variam de povo para povo e de época para época. Há palavras que carregavam inegável força proibitiva em décadas passadas e hoje são livremente utilizadas, sem qualquer sombra de inconveniência. É o caso, por exemplo, do vocábulo “pensão”, que, segundo Silveira Bueno (1965, p. 224), era usada com reservas na primeira metade do século XX por ser sinônimo de prostíbulo, mas no decurso do tempo perdeu por completo essa acepção, passando a significar casa que recebe hóspedes ou fornece refeições. Por outro lado,

existem palavras que hoje são tabuizadas mas o foram no passado, como o vocábulo “tuberculose”, que era largamente interdito no passado, sendo substituído por perífrases como “fraqueza dos peitos”. Registra-se também a existência de palavras que são tabus em certas regiões do Brasil e não o são em outros pontos do país, como se percebe no caso do vocábulo “rapariga”, que na maioria dos Estados do nordeste significa “prostituta”, sendo tabuizado, enquanto em outras regiões do Brasil significa “mulher solteira”, sem nenhuma força de tabuização.

4.4 Tabus linguísticos e hipocrisia

Pinker (2008, p. 34) entende que subjaz aos tabus linguísticos uma inegável rede de hipocrisia, que ele descreve nos seguintes termos:

É impossível uma pessoa curiosa não ficar perplexa com a lógica e a hipocrisia dos tabus linguísticos. Por que certas palavras, mas não seus homônimos e sinônimos, deveriam receber tamanho e tão temido poder moral? Ao mesmo tempo, por mais ilógico que isso possa parecer, todo mundo respeita os tabus em pelo menos algumas palavras.

Além disso, considera uma afronta ao bom senso a existência de palavras tabus:

Se as palavras tabus são uma afronta à sensibilidade das pessoas, o fenômeno das palavras tabus é uma afronta ao bom senso. A excreção é uma atividade que todo ser encarnado tem de fazer todo dia, e mesmo assim todas as palavras em inglês para ela são indecentes, infantis ou clínicas. (...) Também chama a atenção a ausência de um verbo transitivo polido para sexo – uma palavra que se encaixaria em *Adão verbou Eva* ou *Eva verbou Adão*. Os verbos transitivos simples para relações sexuais ou são obscenos ou desrespeitosos, e os mais comuns estão entre as sete palavras que não dá para dizer na televisão” (PINKER, 2008, p. 33).

Pinker (2008) vê a liberdade de expressão como a base da democracia, porque sem ela os cidadãos não podem trocar opiniões sobre as bobagens ou injustiças que observam nem questionar coletivamente a autoridade que a sustenta. Não é coincidência, diz ele,

que a liberdade de expressão esteja consagrada na primeira das dez emendas da Constituição norte-americana, que compõem a Declaração de Direitos, e que tenha recebido lugar de honra em outras declarações de liberdades básicas, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Convenção Europeia de Direitos Humanos. Igualmente claro é o fato de que é impossível garantir a liberdade de expressão em todas as circunstâncias (PINKER, 2008, p. 368).

A suprema corte dos Estados Unidos reconhece cinco tipos de expressão não sujeitos à proteção, e quatro das exceções são compatíveis com os motivos para consagrar a liberdade de expressão como uma liberdade fundamental, afirma Pinker (2008). Não são protegidas a *fraude* e a *difamação*, porque elas subvertem a essência da expressão que faz dela merecedora de proteção, isto é, buscar e compartilhar a verdade. Também não

são protegidas as *incitações a comportamento ilegal iminente* e ‘*palavras de briga*’, porque elas têm muito mais a intenção de provocar um comportamento por reflexo de reação (como alguém que grita “Fogo!” num cinema lotado) que trocar ideias. No entanto, ele faz dura ressalva à quinta categoria de expressão não sujeita à proteção: a *obscenidade*. Para ele, isso parece desafiar qualquer justificativa:

Embora algumas palavras e imagens despidoras sejam protegidas, outras cruzam uma fronteira vaga e polêmica e entram na categoria de “obscenidade”, e o governo pode proibi-las. E, na grande mídia, o Estado tem poderes ainda maiores, e pode proibir palavras sexuais e escatológicas que considere mera “indecência”. Mas por que uma democracia permite o uso da força do governo para barrar a enunciação de palavras para duas atividades – sexo e excreção – que não fazem mal a ninguém e são parte inescapável da condição humana? Na prática, assim como em tese, a perseguição ao discurso obsceno é um quebra-cabeça (PINKER, 2008, p. 369).

Pinker (2008) lembra que, ao longo de toda a história,

peçoas foram torturadas e mortas por criticar seus líderes, e esse é o destino de livre-pensadores em muitas partes do mundo hoje em dia. Mas nas democracias liberais a batalha pela liberdade de expressão foi vencida, em grande parte. Toda noite milhões de pessoas veem entrevistadores ridicularizando a inteligência e a honestidade dos líderes de sua nação. É claro que a vigilância permanente é o preço da liberdade, e os defensores das liberdades civis estão preocupados, com razão, com restrições em potencial à expressão como a lei de direitos autorais, dos códigos de expressão universitários e do Ato Patriota dos Estados Unidos. No entanto, no último século, as batalhas jurídicas mais famosas pela liberdade de expressão surgiram não onde seria de esperar de acordo com a história – no empenho para falar abertamente ao poder -, mas no uso de certas palavras para cópula, genitália, orifícios e eflúvios do corpo” (PINKER, 2008, p. 369).

Pinker (2008) parece ter razão em suas considerações, quando faz referência aos tabus linguísticos como uma prática carregada de hipocrisia, especialmente aquelas palavras ligadas a órgãos do corpo, ao sexo e às necessidades fisiológicas em geral. Realmente, “cópula, genitália, orifícios e eflúvios do corpo” são contingências da condição humana, às quais não se pode fugir, mas que, como se vê, constituem um terreno fértil para a tabuização. Uma das faces mais flagrantes dessa hipocrisia é a utilização de “palavrões” por pessoas de praticamente todas as idades e classes sociais. Os palavrões, no entendimento de Pinker (2008), têm um efeito catártico ou caráter de imprecisão, ou podem simplesmente apresentar uma opção “vulgar” para coisas e atividades do cotidiano, como os intensificadores chulos. O palavrão tem uma estranha força de choque e atração que nem sempre é fácil de se explicar. A atração é responsável pelo uso crescente desse tipo de expressão; já o choque, que responde pela inconveniência do uso, a qual atenta contra a “boa moral” e os “bons costumes”, ocasiona a tabuização do próprio palavrão, para o qual se criam expressões substitutivas. Pretti (1984), em seu bem documentado estudo sobre a linguagem erótica, informa que o palavrão acompanha o ser humano em toda a sua trajetória, nos termos que seguem:

Esse fenômeno da persistência da obscenidade e de sua representação léxica, na forma do “palavrão”, atravessando as mais diferentes épocas, apesar da cultura e da civilização, talvez signifique a própria perenidade das raízes materialistas do ser humano e de seu natural destino biológico. Sem dúvida, essa linguagem tem sido um elemento compensatório, catártico, para todas as pressões morais e sociais, suportadas pelo homem através dos séculos (PRETTI, 1984, p. 77).

Pode-se perceber aí um exemplo bem delineado do círculo da hipocrisia apontado por Pinker (2008) em relação aos tabus linguísticos: cria-se o palavrão e em seguida ele é tabuizado, sendo necessário que se criem recursos de eufemia para amortecer o impacto forte do próprio palavrão.

5 PALAVRAS DO PB FORMADAS COM BASE EM TABUIZAÇÕES

5.1 O corpus

Ortiz Alvarez (2007) faz uma incursão nas classificações dos tabus pelos diversos autores que abordaram o tema, entre eles: Havers (1946), Kany (1960), Guérios (1979), Ullmann (1973, 1977) e Coseriu (1982).

Ortiz Alvarez (2007, p. 6) coteja a classificação de Havers com a de Kany e a de Ullmann nos seguintes termos:

Para Havers existem seis tipos de tabus classificados da forma seguinte: 1) *nomes de partes do corpo*; 2) *fogo*; 3) *Sol e Lua*; 4) *nomes de animais*; 5) *doenças, lesões e anormalidades*; 6) *nomes de deuses e demônios*. Kany, no entanto, os classifica em tabus de: 1) *interdição sexual*; 2) *interdição de decência*; 3) *interdição mágico-religiosa*; 4) *interdição social*; 5) *interdição política*; 6) *vícios e defeitos morais e físicos*. Ullmann, por exemplo, estabelece uma classificação dos tabus alegando que existem três tipos: 1) *tabus de medo ou superstição*; 2) *tabus de delicadeza*; 3) *tabus de decência ou decoro*.

Por considerar a tipologia de Ullmann, conforme apresentada acima, mais adequada para uma análise das palavras cuja formação se deu pelo viés da tabuização, é por ela a nossa opção neste estudo, que segue também a linha apontada por Silveira Bueno (1979), Guérios (1979), Monteiro (2006) e Preti (1984). O corpus se constitui de 250 (duzentas e cinquenta) palavras ligadas ao fenômeno da tabuização colhidas das obras listadas acima, e ainda com consultas feitas aos dicionários de Ferreira (1989) e Houaiss (2001). As palavras do corpus foram distribuídas em três seções: tabus de medo ou superstição, tabus de delicadeza ou polidez, e tabus de decência ou decoro, conforme apresentadas a seguir.

5.2 Tabus de medo ou superstição

Pertencem a esse grupo as interdições e restrições que dizem respeito à religiosidade, aos mortos e aos “maus espíritos”. O Quadro 1 apresenta palavras que foram formadas com base nesse tipo de tabuização:

Termos tabuizados	Termos de eufemia	Processos de formação
Deus	Senhor Pai (o) Eterno Todo-poderoso Criador	derivação imprópria metaforização derivação imprópria (substantivação) composição derivação sufixal
Diabo	diacho, dialho, dialhe, diabre, dianho, diango, diogo, diangras, dianga, nabo, droga, dubá	modificação fonética
Demônio	demo demoche, demogo	braquissemia modificação fonética
Belzebu	Bel	Braquissemia
Satanás	Satã	Braquissemia
Diabo, Satanás etc.	inimigo (o) maldito, (o) maligno rabudo, chifrudo, tentador pé-de-pato, anjo-mau, coisa-ruim capeta, tihoso, tentador cão (o) malvado	derivação prefixal derivação imprópria derivação sufixal composição derivação sufixal metaforização derivação imprópria
morto, defunto, morte	finado (o) falecido descanso, repouso	derivação sufixal derivação imprópria derivação regressiva
cemitério	campo-santo	composição
sepultura, caixão etc.	gruta ataúde esquife	metaforização empréstimo (árabe: <i>at-tabut</i>) empréstimo (it. <i>schifo</i>)
feitiço	trabalho malfeito serviço despacho mau-olhado olho-gordo	derivação regressiva composição metaforização derivação regressiva composição composição

Quadro 1. Palavras tabuizadas por medo ou superstição.

5.3 Tabus de delicadeza ou polidez

Fazem parte deste segundo grupo as interdições ou restrições que se referem aos nomes de doenças, aos problemas físicos, às contingências sociais e aos atos criminais, como roubo e assassinato. O Quadro 2 exemplifica palavras motivadas por esse tipo de tabu na sua formação:

Termos tabuizados	Termos de eufemia	Processos de formação
lepra	mal-de-lázaro, mal-de-hansen hanseníase	composição sufixação
louco	(o) gira lunático, deficiente (mental)	derivação imprópria sufixação
loucura	deficiência (mental) insanidade (mental)	sufixação prefixação e sufixação
câncer	doença-ruim, doença-feia C.A.	composição acrossemia
velho, velhice	idoso, velho experiente terceira idade	sufixação sufixação composição
pobre	necessitado, excluído, pobrezinho humilde	sufixação metaforização
gordo	gordinho, cheinho, redondinho forte	sufixação metaforização
baixo	baixinho	sufixação
aleijado	aleijadinho, deficiente	sufixação
empregada	secretária	metaforização
negro, negritude	negrinho, pretinho, escurinho negrão, negrona nego, neguinho, negão, negona pessoa-de-cor	sufixação sufixação mudança fonética composição
amante, amasiado	companheiro(a), acompanhante caso, cacho (a) outra	sufixação metaforização derivação imprópria
analfabeto	iletrado	prefixação e sufixação
homossexual	viado (transviado) fresco, veado, bândi, bicha gay boiola sapatão	braquissemia metaforização empréstimo (ing.) fonossemia sufixação
matar, assassinato	despachar, eliminar, serviço, apagar	Metaforização
dinheiro	dindin tutu bufunfa, grana cascalho	fonossemia duplicação fonossemia metaforização

Quadro 2. Palavras tabuizadas por delicadeza ou polidez.

5.4 Tabus de decência ou decoro

Participam deste terceiro grupo as tabuizações relativas a nomes de partes e funções do corpo humano, às necessidades naturais e ao sexo. Incluem-se também aqui os quantificadores chulos (“palavrões”) que são tabuizados. Palavras deste grupo são listadas no Quadro 3 a seguir:

Termos tabuizados	Termos de eufemia	Processos de formação
	passarinho, banana, pistola, ferro, pau, cacete, macete, pompa, rola, pinto, badalo, aparelho, instrumento, bordão,	metaforização

pênis	arma, tora, vara, lenha, pincel, cobra, espada, ganso, linguíça, minhoca, minhocão, mastro, negócio, coisa membro aquilo bilau, bigulim, piupiu bráulio	hiperônimo metaforização fonossemia derivação imprópria
vagina	vergonhas, aranha, barata, passarinha, periquita, perereca, honra, partes, perseguida, peru caixinha, aquilo gruta-do-amor, boca-sem-dentes xana, xoxota	metaforização derivação sufixal metaforização composição fonossemia
prostituta	puta rameira mulher-da-vida, mulher-do-trecho piranha, galinha perdida madalena	braquissemia derivação sufixal composição metaforização derivação sufixal derivação imprópria
masturbação	siririca, bronha punheta cinco-dedos	fonossemia derivação sufixal composição
nádegas, ânus, bunda	traseiro fundos fundilhos bumbum poupança, poupançuda fiofó rabo rabudo(a), rabão popozão, popozuda	derivação sufixal metaforização derivação sufixal duplicação derivação sufixal fonossemia metaforização derivação sufixal derivação sufixal
defecar, defecação, fezes	necessidades cocô, titica desapertar-se desaperto (arriar) barro, (passar) fax tolete telefonema	hiperônimo duplicação metaforização derivação regressiva metaforização fonossemia derivação sufixal
urinar, urina	xixi, pipi aguar, irrigar (as plantas) (verter) água,	duplicação metaforização metaforização
ato sexual, traição etc.	transar nhanhar, furunfar, chunchar comer, conhecer, dar, trepar deitar-se (com) coisar papai-mamãe fufu corno	derivação sufixal fonossemia metaforização hiperônimo derivação sufixal composição duplicação metaforização

	cornear, cornudo, boquete, bolinar, broxar	derivação sufixal derivação sufixal
desvirginar	desonrar enganar	prefixação e sufixação metaforização
flato (peido)	pum petardo	fonossemia empréstimo (fr)
prostíbulos	pousada pensão casa-de-tolerância	derivação sufixal metaforização composição
menstruação	regras (estar de) chico, (estar de) bode TPM	metaforização metaforização acrossemia
banheiro, lavatório	WC retrete, toilette lavabo	acrossemia empréstimo (fr.) mudança fonética (lavatório)
palavrões	PQP (puta que pariu) FDP (filho da puta) CDF (cu de ferro) CDA (cu de aço) PN (porra nenhuma) C.U. (cu) P. (puto: p. da vida) poxa, oxa, puxa, putz (porra) pô (porra) caraca, carvalho, zaralho, ramalho, caroço, carácoles (caralho) (tamo) F..., (vá à) M... (tamo) fufu bubu (buceta)	acrossemia acrossemia acrossemia acrossemia acrossemia acrossemia acrossemia acrossemia mudança fonética braquissemia mudança fonética acrossemia duplicação duplicação

Quadro 3. Palavras tabuízadas por decência ou decoro.

5.5 Quadro 4 como leitura dos quadros 1, 2 e 3

PROCESSOS	TABUIZAÇÃO					
	medo ou superstição		delicadeza ou polidez		decência ou decoro	
	Palavras	%	palavras	%	palavras	%
Prefixação	1	2	-	-	21	15
Sufixação	8	16	22	36,6	1	0,7
Prefixação e sufixação	-	-	4	6,6	1	0,7
Parassíntese	-	-	-	-	-	-
Regressiva	4	8	-	-	1	0,7
Imprópria	6	12	2	3,3	2	1,4

Mudança fonética	14	28	4	6,6	12	8,5
Composição	8	16	6	10	7	5
Hibridismo	-	-	-	-	-	-
Metaforização	5	10	14	23,3	52	40
Braquissemia	2	4	2	3,3	2	1,4
Empréstimo	2	4	3	5	3	2,1
Fonossemia	-	-	3	5	13	9,2
Duplicação	-	-	2	3,3	8	5,7
Recomposição	-	-	-	-	-	-
Acrossemia	-	-	1	1,6	11	7,8
Hiperonímia	-	-	-	-	3	2,1
TOTAL	50	100	60	100	140	100

Quadro 4. Formação de palavras com base em tabuizações

É possível perceber, a partir dos quadros gerados, os processos de formação de palavras mais produtivos e os menos produtivos, com base no corpus levantado, levando-se em conta a tabuização como elemento motivador. Os mais produtivos foram a metaforização (71 palavras), a sufixação (31), a mudança fonética (30) e a composição (21); os menos produtivos foram a hiperonímia (3 palavras), a derivação regressiva (5) e a derivação prefixal e sufixal (5). E houve processos de formação de palavras sem nenhuma ocorrência: a parassíntese, o hibridismo e a recomposição.

A inclusão da metaforização e da hiperonímia entre os processos de formação de palavras, ao contrário do que ocorre nas GTs, está de acordo com a nossa proposta, apoiada na concepção de Saussure (1975) e Monteiro (2002), de que os estudos morfológicos não podem abrir mão da sintaxe e da semântica, já que forma, função e sentido são solidários. É o que acontece também com a derivação imprópria, que carrega muito do domínio da semântica, e com a composição, que tem inegável natureza sintática. A preponderância da metaforização sobre os demais processos confirma a assertiva de Sardinha (2007) de que a metáfora é o nosso habitat natural, e ela está em toda parte. Para ele, muitos conceitos que utilizamos no cotidiano só podem ser entendidos como metáforas.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa que realizamos para a elaboração deste texto confirmou que o fenômeno da tabuização está na base da formação de muitas palavras no PB, como elemento motivador. Como em todas as línguas, os tabus linguísticos existem também na língua

portuguesa, e são extremamente viçosos. Eles forjam a criação de recursos de eufemia, uma vez que o eufemismo cabe muito bem como disfarce de termos desagradáveis, por ser o recurso que serve à sociedade para não ofender os ouvidos, a delicadeza das pessoas, disfarçando os substantivos, as expressões cruas e rudes, pondo-lhes, assim, uma espécie de máscara sob a qual a ideia não assusta tanto. Dessa forma, apresentam-se como alternativas para as expressões-tabus. E foi na necessidade da eufemia que um sem-número de palavras foram e continuam sendo criadas na língua. Os falantes, valendo-se de processos de formação de palavras que a língua oferece, sistematicamente, recobrem esses processos com a capacidade amortizadora do eufemismo e, assim, fazem brotar novas expressões (palavras e perífrases) que se incorporam à língua de forma muito natural.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- ANDRÉ, Hildebrando A. de. **Gramática ilustrada**. 5. Ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 41. ed. melhorada e ampliada. São Paulo: Editora Nacional, 1998.
- COSERIU, Eugenio. **O homem e a sua linguagem. Estudos da teoria e metodologia linguística**. RJ: Presença, 1982.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- GUÉRIOS, R.F. **Tabus linguísticos**. São Paulo: 2 da edição. Editora Nacional, 1979.
- HAVERS, W. **Neuere Literatur zum Sprachtabu**. Akademie der Wissenschaften in wien, Sitzungsberichte. Viena, 1946.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.
- KANY, CH. **American-Spanish Euphemisms**. Los Angeles, 1960.

MONTEIRO, José Lemos. As palavras proibidas. **Revista de Letras**. Fortaleza, 11 (2): 11-23, 1986.

_____. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Tabus linguísticos e expressões cristalizadas. **Revista Acta Semiótica et Lingüística**, v. 12, pp. 115-125, 2007.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento**: a língua como janela para a natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida**. Um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo. Editora T. A. Queiroz, 1984.

SARDINHA, Tony Beber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007 (Lingua[gem]).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975 [1916].

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Tratado de semântica brasileira**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

_____. **Lenguaje y estilo**. Madrid: Aguilar, 1973.